

O. N. P. DEVE GARANTIR FUNÇÃO PROFISSIONAL DO PROFESSOR

N. 13/10/81

O Presidente Samora Machel declarou, ontem, a Constituição da Organização Nacional dos Professores (ONP). Como disse, no discurso de abertura, «o papel essencial da Organização é precisamente garantir que em cada momento, os professores tenham uma compreensão, uma consciência correcta da sua posição profissional, dos seus direitos e dos seus deveres».

Hoje, dia 12 de Outubro, estamos aqui reunidos para lançarmos as bases de uma nova Organização Democrática de Massas, de uma organização que vai englobar todos os professores do nosso País.

Esta reunião constitui o corolário de um trabalho intenso que ao longo dos últimos meses tem vindo a ser desenvolvido pelos professores, nas Localidades, nos Distritos, nas Províncias, Corolário de uma decisão tomada pela 5.ª Sessão do Comité Central do Partido FRELIMO.

Através dos participantes desta Conferência Nacional, saudamos os professores que, na história da nossa revolução, na luta clandestina, na resistência à ocupação estrangeira, lutaram por uma educação popular, lutaram para que não se espeçinhasse a dignidade do homem moçambicano.

Aqueles que, durante a luta armada contra o colonialismo português, se engajaram com toda a militância para levar até ao fim a vitória contra o colonialismo. Aqueles que hoje continuam a pegar na ciência e na técnica para que, das ruínas do colonialismo, se construa a sociedade socialista, o homem socialista.

Saudamos o seu esforço, a sua abnegação, o seu espírito de coragem, a sua dedicação. O seu engajamento tem sido um contributo inestimável na concretização do ideal pelo qual tantos patriotas moçambicanos deram as suas vidas:

- a erradicação da ignorância e do obscurantismo;
- o acesso de todos os moçambicanos à educação, para se tornarem cidadãos realmente livres.

Minhas Senhoras, Meus Senhores,

A Conferência Constitutiva da Organização Nacional dos Professores surge no primeiro ano da Década da Vitória sobre o Subdesenvolvimento.

Ela realiza-se no momento em que a Assembleia Popular acaba de aprovar o Plano Prospectivo Indicativo, que define as tarefas para todos e para cada um, que engajará todo o nosso povo na eliminação da fome, da miséria, da nudez, do analfabetismo. Plano que é o farol que nos vai iluminar nesta nossa caminhada de dez anos da construção de felicidade e do bem-estar das crianças, dos homens, das mulheres, dos velhos do nosso País.

Serão dez anos em que, para satisfazermos as necessidades vitais do nosso povo, iremos construir os grandes e pequenos projectos agro-industriais, escolas e hospitais, estradas e pontes, barragens e regadios. Serão dez anos em que iremos electrificar o País, em que socializaremos o campo. Dez anos em que, para realizarmos tudo isto, teremos que formar milhares de trabalhadores qualificados, em todos os sectores e a todos os níveis, em particular na educação, técnicos agrícolas e industriais, médicos e enfermeiros, pedagogos, psicólogos, planeadores, metodólogos. Porque, para todas estas realizações, o factor decisivo é o Homem, homem com conhecimentos científicos e técnicos, fruto de uma formação planificada, homem consciente do seu papel histórico no processo do trabalho.

Esta é uma tarefa imensa, tarefa que nunca termina. Tarefa muito difícil, que requer paciência, compreensão, Mas tarefa exaltante.

O novo sistema nacional de educação, actualmente em fase final de elaboração pelo Ministério da Educação e Cultura, em cumprimento das directivas do 3.º Congresso do Partido FRELIMO, será o instrumento que garantirá a concretização destes objectivos.

Ele constitui a síntese da nossa experiência no campo educativo. O novo sistema de educação eliminará o analfabetismo, introduzirá a escolaridade geral obrigatória, criará as bases para que a classe operária e o camponês assumam, de facto, a direcção da economia, a direcção da sociedade.

Minhas Senhoras, Meus Senhores,

A educação foi definida pelo nosso Partido como um dos eixos fundamentais do nosso povo, e simultaneamente uma das suas necessidades essenciais.

A educação é um dos centros primordiais do combate ideológico, da confrontação entre as ideias revolucionárias e as concepções reaccionárias.

Por isso, para o nosso Partido a educação constituiu sempre uma das suas preocupações centrais.

Desde cedo, a Frente de Libertação de Moçambique envidou esforços enormes, esforços para criar escolas nas zonas libertadas. Libertámos a terra. Mas terra livre não existe sem homens livres. Por isso, engajámo-nos na libertação dos homens. Era necessário antes de tudo, formar professores, e a fonte eram, então, os combatentes.

É certo que o índice de escolarização era baixo, mas os professores foram-se forjando no processo da luta. Vivendo o dia a dia com as populações, vivendo sob o fogo do inimigo, eles recebiam uma formação rápida para poderem realizar as suas tarefas de professores. Assumindo conscientemente a pesada responsabilidade que lhes incumbia, esforçavam-se por aprender uns dos outros, por aprender com os seus alunos, por aprenderem fundamentalmente com o povo que é a fonte inesgotável. Neste processo, procuravam continuamente soluções para os problemas políticos, sociais e pedagógicos que enfrentavam no dia a dia.

Participavam com os alunos e as populações na construção das escolas, elaboravam o material que precisavam para ensinar e deslocavam-se a longas distâncias a fim de obterem os cadernos, o giz e os lápis. Construíam os abrigos para defenderem os alunos em caso de bombardeamento.

Aprenderam na dura batalha que tiveram que travar consigo próprios a desprezar a herança retrógrada dos valores inculcados nas escolas das missões. Aprenderam o que significava a unidade, a disciplina, o trabalho colectivo, o espírito de iniciativa, compreenderam que o trabalho dignifica e educa o homem; aprenderam que, com a sua inteligência e as suas mãos, podiam transformar a natureza.

Estes professores foram fruto da Luta de Libertação Nacional. Das suas mãos saiu uma primeira geração de estudantes livres, de qualquer dominação opressora.

Quando tomámos o poder e, em particular, após a nacionalização do ensino, a luta de classes no nosso País agudizou-se, atingiu frontalmente a educação. Transportávamos connosco a experiência das zonas libertadas, as nossas concepções revolucionárias sobre o conteúdo e os métodos de ensino, sobre o que devia ser a escola a sua estrutura, a sua organização interna.

Lancámos a palavra de ordem de democratização dos métodos de trabalho. Popularização da Educação. É uma fase de entusiasmo, de discussão profunda, de aquisição de novas e ricas experiências.

Mas, no decorrer do processo, há choques, há abalos. No calor da luta diária que a maioria dos professores estrangeiros abandonou o País.

Mais uma vez, a nossa juventude, demonstra o seu engajamento e a sua dedicação à reconstrução da Pátria que acaba de sair da longa noite colonial. Muitos jovens estudantes, que ao mesmo tempo se dedicavam às tarefas de alfabetização, abandonaram voluntariamente os seus estudos para leccionar nas escolas primárias e secundárias.

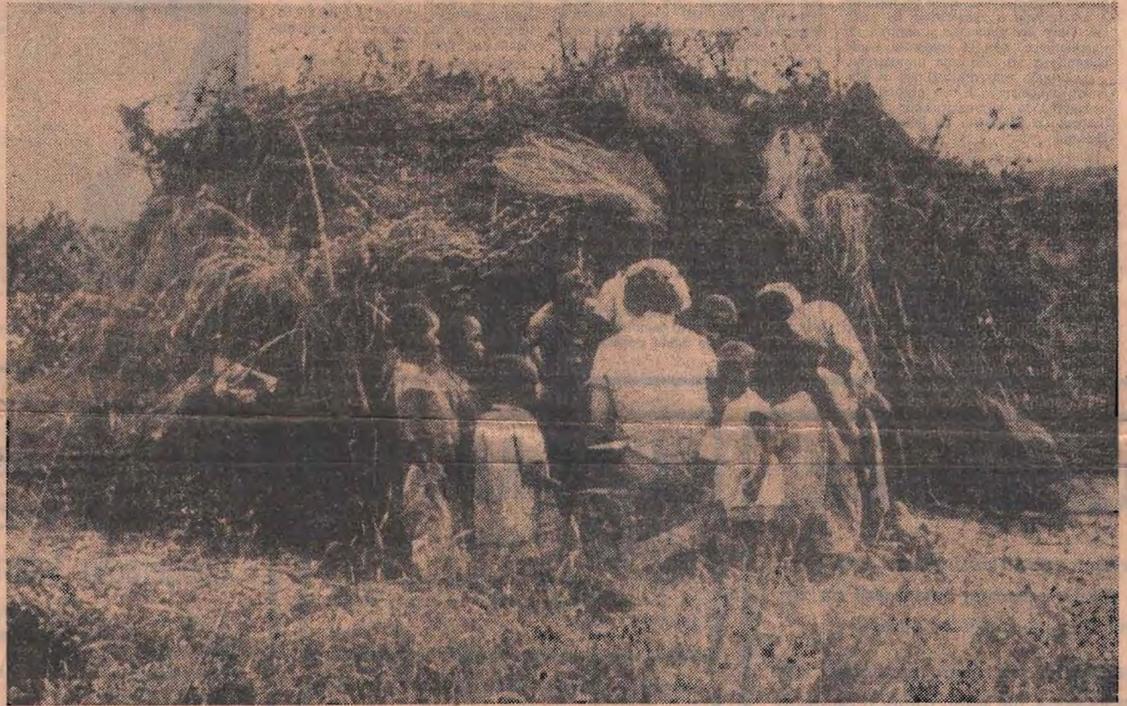
Mais uma vez, tivemos que contar com as nossas próprias forças. Os que tinham a 4.ª classe tiveram que ensinar aos que entravam para as escolas. Os que tinham a 6.ª classe passaram a ensinar os alunos das 5.ª e 6.ª classes.

E foi assim que, durante os primeiros anos da independência, o funcionamento das nossas escolas foi assegurado por esses jovens professores. Sem qualquer formação específica para o ensino, entregaram-se com entusiasmo e dedicação à tarefa de dar aulas, quantas vezes em lugares distantes daqueles onde estudavam, onde residiam as suas famílias.

Saudamos-os com força. Sentimo-nos orgulhosos do seu patriotismo, da sua devoção.

São esses jovens que ingressam nos cursos de formação de professores secundários e primários. São eles próprios que sentem a necessidade de aprofundarem os seus conhecimentos para melhor cumprirem a tarefa que lhes é dada pelo Partido e pelo Governo. É esta geração do 5 de Março que constitui o nosso orgulho.

Quando são destacados para irem ensinar nas Aldeias Comunitárias, nas escolas das zonas rurais, não hesitam em afastar-se do conforto da família, dos divertimentos da cidade, dos seus amigos. São eles que vão dar aulas às nossas crianças enfrentando difi-



«O nosso professor está onde vive o Povo. Nas aldeias comunitárias, nas zonas fronteiriças, nos centros educacionais da FRELIMO, nas pequenas e grandes escolas espalhadas pelo campo e pela cidade, é o professor que assegura a formação do aluno»

culdades materiais, desde a alimentação deficiente a problemas de alojamento e falta de apoio no campo profissional. Mesmo quando não recebem os seus salários, eles não abandonam o combate em que estão engajados, eles não deixam de percorrer longas distâncias para poderem participar em reuniões de aperfeiçoamento profissional, essenciais para o exercício da sua profissão.

É certo que houve alguns que desistiram. Esses não tiveram a preocupação de servir o Povo. Esses puseram os seus interesses pessoais acima dos interesses do Povo. Esses não quiseram enfrentar dificuldades, não quiseram suportar sacrifícios. Esses constituíram apenas uma pequena minoria.

A grande maioria, essa, continuou nos seus postos de combate, com as suas limitações, com as suas insuportáveis dificuldades, mas confiantes no seu compromisso e na certeza do dever para com o Povo e a Revolução, na certeza da vitória.

Senhoras e Senhores,

Tomando em conta a nossa experiência revolucionária no domínio da educação e sobretudo o papel importante do professor no processo de desenvolvimento do nosso País, conscientes da necessidade de valorizar a profissão de professor, de forma a que a sua função como agente transformador da sociedade seja prestigiada, o Partido FRELIMO decidiu criar a ORGANIZAÇÃO NACIONAL DOS PROFESSORES.

Esta decisão permite criar as condições para que se assumam a valorização da função docente passa pela correcta e mais ampla formação política, pedagógica e científica dos professores, garantia fundamental da consolidação das conquistas revolucionárias no campo educacional.

O processo de esclarecimento e mobilização vivido em cada escola, Distrito, Província, constitui um frutuoso debate, com o objectivo de esboçar as vias para a dignificação da sua actividade profissional.

Na discussão e análise foram recolhidas importantes contribuições e sintetizadas as ricas experiências dos professores. Este processo iniciou um amplo movimento de consciencialização profissional, de reflexão sobre os seus deveres e seus direitos, de reflexão

ros passos fora do ambiente familiar. Ele ensina-lhes a riqueza dos sons e das cores: fala-lhes das flores, das plantas, dos animais, dos rios e das montanhas do nosso País. Diz-lhes o nome das estrelas e dos planetas. É ele quem desperta a sensibilidade das crianças, desenvolve a sua imaginação, cria nelas o gosto pela beleza.

O professor é quem organiza os jogos, as brincadeiras das crianças. Não um jogo ou uma brincadeira quaisquer. Mas algo com um objectivo educativo, formativo.

Conta-lhes o heroísmo dos nossos antepassados, a resistência secular à dominação estrangeira. Educa-as a não terem vergonha da sua origem de classe, a respeitar o trabalho dos seus pais — tractorista, tecelão, pedreiro, camponês, servente, padeiro, funcionário, alfaiate, carpinteiro — educa-as a amar e respeitar a sua família. Ensina-lhes a igualdade entre o homem e a mulher, provando-lhes que um e outro têm a mesma capacidade de pensar, a mesma capacidade intelectual. Incute-lhes o patriotismo, revela-lhes o valor da Nação que estamos a construir, o valor da unidade nacional, o preço da liberdade, o orgulho de amar e servir o Povo. O professor é o comissário político da escola.

Faz enraizar nas crianças a amizade por todas as crianças do mundo, em

olhos dos seus alunos como uma pessoa altamente organizada, planificada. É assim que ele os ensina a viverem programados, disciplinados na sua vida, no seu comportamento do dia a dia. Para que eles, amanhã, possam contribuir a construir a sociedade socialista que exige espírito consciente de organização, de planificação.

Para isso, o professor tem que conhecer profundamente o seu aluno. Cada aluno é um mundo a conhecer, com os seus problemas, com as suas dificuldades, as suas contradições. Cada aluno representa a complexidade social do nosso País, complexidade em que o próprio professor está inserido. Cada aluno traz consigo, para a escola, hábitos e costumes diversos, traços regionalistas desta ou daquela zona do nosso País.

O professor deve conhecer-se. Só assim é que poderá engajar-se conscientemente no seu papel de educador, de moldador da personalidade da criança. Porque esta é como o barro fresco que toma forma quando mãos hábeis e artistas o moldam para se transformar num objecto útil e belo.

O professor deve ser precisamente esse artista de mãos hábeis que elimina do espírito infantil qualquer tendência ou concepção tribalista, regionalista, racista.

Que consciencializa a criança com

que o novo triunfa do velho, para que o novo elimine o velho. Para fazer nascer o novo.

Porque se o professor for tribalista, a criança será tribalista. Se o professor for regionalista, o aluno também o será. Se o professor tiver concepções racistas, a criança irá assumir essas concepções. Esta criança será, então, uma criança de idade jovem mas de espírito velho. Não será o Homem Novo.

É por tudo isto que a profissão de professor é rica, difícil, mas grandiosa e exaltante.

É por tudo isto que a profissão de professor exige engajamento pessoal consciente, alto sentido do dever, um grande amor pelas crianças e jovens. Porque amar as nossas crianças é amar a Revolução.

Não é por acaso que o imperialismo faz da nossa juventude o seu principal alvo, a sua grande esperança. O inimigo sabe que ela é o terreno fértil para as nossas ideias, que ela é o nosso futuro, que ela constitui a maior parte da nossa população, que ela é a barreira sólida que construímos e onde se despedaçam os valores retrógrados tradicionais e burgueses.

Portanto, o professor deve estar na vanguarda da luta ideológica, deve ter sólidas e profundas convicções políticas, conhecer e aplicar a ideologia do Partido FRELIMO. Da sua concepção do mundo, da sua formação científica, da sua personalidade, depende o sucesso da educação dos nossos jovens.

Actualmente no nosso País, há poucos professores que tenham condições necessárias para desempenharem cabalmente as suas tarefas. A superlotação das instalações escolares e a escassez de professores formados, exigem uma sobrecarga horária incompatível com a necessidade de estudo e aperfeiçoamento. Por outro lado não dispõem de material didáctico e equipamento escolar básico devido às limitações de ordem material e financeira.

Uma das questões centrais que portanto se coloca, é a da sua formação. A rápida evolução da nova Sociedade, o avanço impetuoso da nossa Revolução, exigem que cada vez mais o professor tenha uma sólida formação ideológica, científica e pedagógica.

O professor é um educador, é um transformador, que necessita de uma base científica, pedagógica, psicológica e metodológica que se actualiza constantemente.

A profissão do docente não pode continuar a ser uma improvisação, como é ainda em muitos casos, ou uma forma de obtenção de emprego provisório enquanto não conseguir outro melhor.

Uma das tarefas urgentes, imediatas, que teremos de realizar, é a criação de condições para dispormos de professores e educadores com um elevado nível de formação científica e pedagógica. Um professor dominado pela superstição, submetido ao pensamento metafísico e religioso não poderá transmitir o conhecimento científico e libertar a iniciativa do aluno.

O professor que assume a responsabilidade de educar, é o que organiza a escola, apóia a zona de influência pedagógica, estabelece o diálogo, dinamiza a participação dos estudantes no trabalho das aulas e nas actividades formativas.

Ele não improvisa. Procura conhecer as reacções psicológicas e hábitos culturais dos alunos para melhor actuar. Sabe aproveitar os recursos locais para ensinar e produzir material didáctico. Sabe inserir o quotidiano, a actividade concreta e produtiva na vida da escola.

Ele é quem avalia permanentemente o seu trabalho com os alunos.

Quem trava constantemente experiências com os seus colegas. É quem faz do ensino uma escola de libertação da iniciativa criadora, inovando, recolhendo e divulgando sempre novos trabalhos e experiências, assegurando assim a actualização permanente da sua formação, o que implica que a formação dos docentes tenha de ser continuada de uma forma sistemática ao longo de uma carreira.

A chave do problema da educação está no processo de formação dos professores que deve responder, por um lado, às necessidades imediatas e, por

(Continua na página seguinte)



«Os que tinham a 4.ª classe tiveram que ensinar aos que entravam para as escolas»

xão sobre a sua formação política, científica e pedagógica.

A Organização Nacional de Professores surge assim como um instrumento que enquadra, orienta e une os professores moçambicanos de todos os ramos e níveis de ensino, a lutar pela desenvolvimento da Educação revolucionária e criação do Homem Novo.

A sua função é contribuir para transformar o professor no forjador do Homem Novo, do Homem Socialista. Torná-lo o profissional consciente que cria com confiança, entusiasmo e firmeza a nova mentalidade.

A ela cabe proporcionar ao professor os meios que complementam a formação de base científica e profissional.

Não lhe cabe a tarefa de formação directa dos professores. Esta tarefa compete ao Ministério da Educação e Cultura.

É necessário que sejam bem definidas as tarefas da Organização Nacional de Professores, de forma a que não se confundam com as tarefas que cabem aos organismos do Aparelho de Estado.

O papel essencial da Organização é precisamente garantir que em cada momento os professores tenham uma compreensão, uma consciência correctas da sua função profissional, dos seus direitos e dos seus deveres.

Ela deve servir como centro de debate e de discussão dos problemas pedagógicos, dos problemas profissionais, dos problemas sociais, dos problemas económicos, dos problemas culturais.

Minhas Senhoras, Meus Senhores,

Todas as sociedades criam os mecanismos que necessitam para garantir a manutenção dos interesses da classe dominante. Neste contexto, a educação tem um lugar destacado pelo carácter ideológico que lhe Como uma acção organizada da sociedade, a educação é o instrumento de que ela se serve para transmitir as suas experiências e os seus conhecimentos às novas gerações, manter e desenvolver as suas estruturas económicas e sociais, os seus valores, a sua cultura.

O professor exerce uma grande influência, através do seu trabalho, sobre o desenvolvimento da sociedade. No contexto actual da construção do socialismo no nosso País, o professor do ensino primário tem um papel primordial: é pela sua mão que as crianças começam a dar os prime-

particular para com aquelas que ainda hoje se encontram oprimidas, exploradas.

É, pois, o professor que molda a personalidade dos seus alunos, que orienta a sua maneira de agir. Que desperta neles novos interesses, que lhes abre horizontes totalmente desconhecidos. É o professor quem tem de dar resposta às dúvidas e questões que interessam às crianças e aos jovens. É ele que inculca nas crianças o rigor do pensamento, pensamento sistematizado.

O professor não se deve apresentar perante os seus alunos como uma mera autoridade técnico-administrativa como aquele que entra na escola apenas para ensinar o que vem nos livros.

Para nós o professor é também a autoridade política, a autoridade moral. Ele é o instrutor 24 horas por 24 horas, pelo seu exemplo, pelo seu comportamento, pela sua própria vida.

Ele deve apresentar-se sempre aos

tra os aspectos negativos da tradição.

Que lhe inculca hábitos de higiene que a criança não tem ou, se os tem, são hábitos maus.

Que lhe ensina a cuidar devidamente do livro que ela nunca teve.

Que lhe ensina a saber sentar-se na sua carteira, a conservá-la sempre limpa.

Que lhe ensina como arrumar o seu quarto, como fazer a sua cama, que não se deve pentear na escola mas em sua casa, donde deve sair limpa, asseada e penteada.

É o professor que, no seio das crianças, está na vanguarda da confrontação entre o velho e o novo, na vanguarda da luta contra o peso do passado tradicional que assume formas mais agudas.

É o professor que demarca os novos valores da sociedade socialista numa guerra declarada às concepções e comportamentos da sociedade burguesa e da tradição.

E o professor o elemento motor para



«A profissão do docente não pode continuar a ser uma improvisação, como é ainda em muitos casos, ou uma forma de obtenção de emprego provisório enquanto não conseguir outro melhor»

O. N. P. DEVE GARANTIR FUNÇÃO PROFISSIONAL DO PROFESSOR

(Continuado da página anterior)

outro lado, organizar um sistema articulado a longo prazo. Ao repensar a formação, interessa igualmente perspectivar a carreira docente, revalorizar o lugar do professor na nossa sociedade.

Por outro lado, ao perspectivar a carreira docente devemos estar conscientes do nosso ponto de partida.

Se a semente não é boa, a planta que estamos a criar crescerá defeituosa. Obteremos plantas raquíticas, criaremos alunos mediocres nas nossas escolas.

Consideramos que o segredo da nossa Educação está no ensino primário. É por isso que a carreira docente, a perspectiva de um sistema articulado de formação com os seus bacharéis, licenciados, doutores e os seus pedagogos deverá iniciar-se pelo ensino primário.

Mas queremos sublinhar aqui, que a promoção profissional dum professor do ensino primário não significa passar a ser professor do ensino secundário.

A promoção de um professor do ensino secundário não significa passar a ser professor

Cada um é um especialista dentro da sua área, alarga e aprofunda os conhecimentos do seu domínio.

Promoção profissional significa permanente capacitação e valorização dentro do seu próprio escalão. Quer dizer, um professor a qualquer nível ao exercer a sua actividade está em permanente aprendizagem e actualização.

Poderá ser um bacharel ou licenciado, mas ser professor do ensino primário. Ele será valorizado de acordo com a sua experiência, com a sua formação, com a qualidade de trabalho que realiza.

Podemos então definir para cada um os mesmos direitos e deveres, proporcionar o vencimento segundo o seu trabalho, e adequar a formação de base científica, psicopedagógica e diversos graus de ensino.

Um outro factor que perturba frequentemente a actividade profissional dos professores com alguma formação, são as transferências consecutivas de uma escola para outra a fim de assegurar o nível pedagógico, o que os impede de consolidarem a sua experiência e de ganharem confiança nas suas próprias capacidades.

A elaboração de um Estatuto do Professor é tarefa que o MEC deve empreender urgentemente. Esse estatuto será um instrumento de trabalho da ONP.

É também tarefa da ONP a activização do processo de emulação socialista no seio dos professores. A emulação estimula os professores no combate pela melhoria sistemática da qualidade do ensino, na melhoria da organização e funcionamento da escola. Serve ainda para dinamizar a ligação da escola com a comunidade, para educar o aluno na conservação e embelezamento da sua escola.

Os professores devem fazer da criação da sua Organização o momento de, sob a direcção do Partido e do Estado, lançarem o combate decisivo pela liquidação total dos vestígios da mentalidade tradicional e colonial nas escolas de Moçambique.

Este combate deve ser a vários níveis. É preciso eliminar os métodos de trabalho que reflectem a ideologia burguesa e que persistem nas estruturas da Educação. Liquidar o liberalismo, a indisciplina, o desleixo, o relaxamento moral, a improvisação, o espírito de sabe-tudo e o elitismo.

É necessário estabelecer e aperfeiçoar métodos de trabalho colectivos, assentes na planificação, na participação e responsabilidade individual e colectiva. Cada um deve conhecer o seu lugar na estrutura a que pertence, estrutura hierarquizada, onde se respeita a antiguidade e experiência de cada um. Deve ser eliminado o espírito de igualitarismo, que se encontra muito estranhado no seio dos professores.

É portanto indispensável que os professores assumam a sua própria responsabilidade na transformação das estruturas do Ministério da Educação e Cultura.

A Organização Nacional dos Professores deverá funcionar como uma estrutura que apoia a realização das tarefas do Ministério, mas fazendo dos milhares de professores, de todos eles, ao fim e ao cabo, não só professores, mas dirigentes que intervêm, que sabem e conhecem porque há dificuldades, onde estão os estrangulamentos, onde é preciso cortar e limpar, fazendo com que os professores saibam lutar pelo seu Ministério, senti-lo como seu.

Minhas Senhoras,
Meus Senhores,

Há um heroísmo diário que poucos conhecem e que constitui a história ignorada dos nossos professores.

Respondendo a um apelo do Partido e do Governo, professores houve que se ofereceram e aceitaram a tarefa de acompanhar os nossos alunos para as Escolas da FRELIMO em Cuba, participando na sua formação e educação. Alguns encontram-se longe da Pátria há 4 anos, outros há menos tempo, mas na sua quase totalidade eles revelaram-se dignos da confiança que depositámos neles quando lhes entregámos as nossas crianças.

De uma forma muito particular queríamos falar daqueles professores que hoje constituem os heróis vivos da nossa História. Eles dão aulas nas escolas de Barué, de Catandica, de Mapai, de Chicualacuala, eles ensinam em Machaze. Na sua fúria sanguínea o inimigo odeia os professores, porque sabe o que eles representam para um povo. Muitos foram mutilados, outros raptados, outros, ainda, foram mortos.

Hoje, aqueles que sobreviveram à ruína semeada pelo inimigo, estão com as populações e a seu lado reconstruem a escola, vão procurar os alunos para que eles regressem: recomeçam o seu trabalho, o trabalho de formar e educar as crianças e jovens do nosso País.

O nosso professor está onde vive o nosso Povo. Nas aldeias comunais, nas zonas de fronteiras, nos centros educacionais da FRELIMO, nas pequenas e grandes escolas espalhadas pelo campo e na cidade, é o professor que assegura a formação do aluno. É ele que o recebe, que acompanha os seus primeiros passos, que o introduz no mundo da ciência e do progresso.

O professor estará tanto mais à altura de desenvolver correctamente a sua tarefa, quanto mais ele estiver inserido na comunidade.

É pela inserção colectiva dos professores nas tarefas da Revolução que a comunidade vai compreender e assumir, ela própria, a importância que o professor desempenha no processo do desenvolvimento económico, social e cultural do País.

Paralelamente, o professor deve levar a comunidade a compreender as insuficiências que ainda persistem no

processo do ensino e engajá-la na dinâmica da sua transformação.

Será através desta troca mútua que se vai acelerar o processo da transformação global da sociedade.

Torna-se necessário, portanto, que o professor assuma, na sua totalidade, a importância da sua função social, e que a comunidade compreenda e assumia, ela própria essa importância.

Neste contexto, constituem ponto de referência indispensável, a experiência das zonas libertadas e dos exemplos heróicos, mais recentes, das zonas devastadas pela soldadesca de Smith em que professores, porque souberam identificar-se com a comunidade, foram socorridos pelas populações.

Num momento em que o imperialismo e os seus agentes directos na nossa zona redobram de agressividade e multiplicam as manobras contra a nossa Pátria e a nossa revolução, o engajamento dos professores na defesa das conquistas populares torna-se decisivo.

No processo de elevação permanente da formação dos professores, a ONP deve também saber combinar essa formação com a necessidade natural de repouso e do convívio social. Nas «Casas do Professor» que se deverão criar em todo o País, os professores poderão passar o seu tempo de forma alegre, salutar e colectiva. Mas, sobretudo, eles deverão organizar aí o seu centro de troca de experiências, o laboratório onde cada um se torna um investigador, um estudioso, um científico, que abala os seus próprios esquemas mentais porque permite a confrontação e se alimenta permanentemente das ideias colectivas.

Uma tarefa particularmente importante é a educação internacionalista do nosso professor. A nossa luta pela independência nacional demonstrou como a luta do Povo Moçambicano era parte integrante da luta geral dos povos de todo o mundo contra a exploração, a discriminação e a injustiça. A ONP deverá esforçar-se por promover a troca de experiências entre os professores moçambicanos e os professores de todo o Mundo, muito particularmente de países amigos, de países irmãos socialistas e outros países que tenham experiências positivas que nos interessa conhecer.

Para divulgar as experiências vividas pelos professores, discutir os seus pontos de vista e as suas aspirações,

formar os professores no campo científico e pedagógico, deve criar-se um órgão de informação, estudo e pesquisa.

A tarefa exaltante de professor, o prestígio social do educador do povo e das novas gerações, exige o reconhecimento social, exige que todos os anos se comemore condignamente, em todas as escolas e centros de educação e formação, o Dia do Professor. O dia 12 de Outubro, data da abertura da Conferência da Organização Nacional de Professores passa a ser o Dia do Professor na República Popular de Moçambique.

Minhas Senhoras,
Meus Senhores,

Durante alguns dias, ireis aprofun-

dar e sintetizar as experiências, os conhecimentos que tendes vindo a adquirir.

As vossas discussões, os vossos debates, serão traduzidos em decisões que não poderão constituir letra morta. Têm que ser vividas por todos e por cada um.

Será a aplicação dessas decisões na prática do dia a dia, que comprovará a justeza da criação da Organização Nacional de Professores. Isto implica um engajamento total e consciente dos professores, implica um conhecimento profundo da nossa realidade, implica ainda um combate interno permanente em cada um de nós.

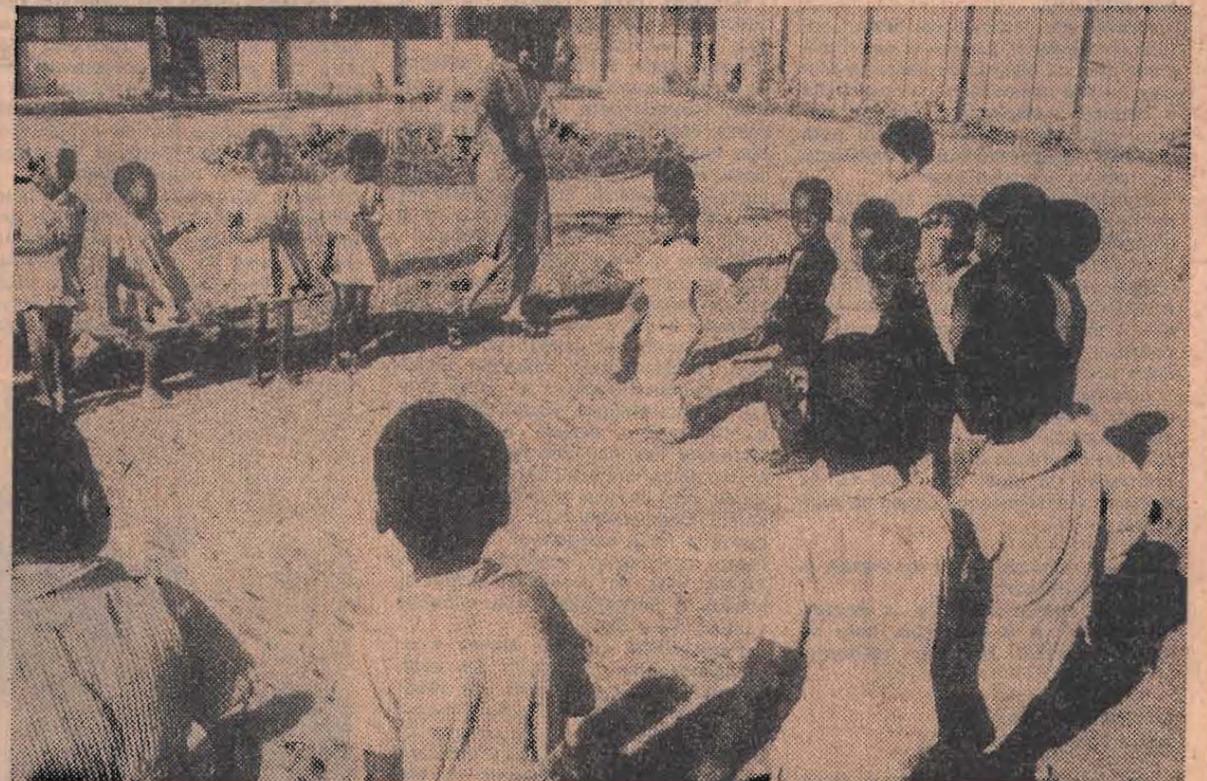
Desejamos sucessos aos vossos trabalhos. Deles depende, em grande parte, a felicidade das nossas crianças, felicidade que cada um quer ver rea-

lizada. Todos nós queremos ver o olhar feliz das nossas crianças, o seu andar livre, o seu gesto confiante, o seu espírito criador revigorado, o seu crescer harmonioso, o seu passo firme de quem caminha seguro para a vitória do socialismo no nosso País.

Sucessos nos vossos trabalhos. Estamos certos de que a Organização Nacional de Professores será a árvore que fará crescer ainda mais belas as mais belas flores de Moçambique: as nossas crianças.

Em nome do Comité Central do Partido FRELIMO declaro criada a Organização Nacional dos Professores.

A LUTA CONTINUA!
A REVOLUÇÃO VENCERÁ!
O SOCIALISMO TRIUNFARÁ!



«O professor é quem organiza os jogos, a brincadeira das crianças. Não um jogo ou brincadeira qualquer, mas algo com um objectivo educativo, formativo»